

ANÁLISE DA VARIAÇÃO DO USO DE ANTIBIÓTICOS EM PACIENTES COM SÍNDROMES RESPIRATÓRIAS DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE SARS-COV-2

Marcos Vilela Filho (marcosvilelafilho13@gmail.com)¹
Isadora Brito Freire Teixeira e Silva (isadorabfts@gmail.com)¹
Marcos Paulo Augusto Cora (marcospauloaugustocora@gmail.com)¹
Pedro Henrique Tomé Alves (pedrohtome122@gmail.com)¹
Humberto de Sousa Fontoura (humberto.fontoura@docente.unievangelica.edu.br)¹
Leandro Nascimento da Silva Rodrigues (leandro.rodrigues@docente.unievangelica.edu.br)¹

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA¹

RESUMO

Introdução: A pandemia de SARS-CoV-2, do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome-Coronavirus-2*, iniciou-se em 2020 e foi responsável por uma crise sanitária de infecção, acometendo principalmente o sistema respiratório humano. Nesse sentido, por se tratar de uma situação excepcional, com pouco conhecimento terapêutico, medidas empíricas foram realizadas. Dentre os protocolos utilizados experimentalmente destaca-se o uso de antibióticos que, apesar de demonstrarem resultados promissores *in vitro*, não obtiveram comprovação de efeito antiviral. Além disso, o uso indiscriminado dessa medida terapêutica pode acarretar em aumento da resistência bacteriana. **Objetivo:** Desse modo, o presente estudo buscou verificar a variação no uso de antibióticos (azitromicina, amoxicilina e ceftriaxona) durante e após o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) pela COVID-19. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, descritivo e de caráter retrospectivo. A pesquisa foi realizada via coleta de informações, coletadas após aprovação no CEP, acerca do tratamento medicamentoso obtido pelos prontuários dos pacientes internados no Hospital Evangélico Goiano com suspeita de síndrome respiratória. **Resultados:** O uso de antibióticos, permaneceu restrito e estável, uma vez que em ambos os períodos, aproximadamente 75% dos pacientes não receberam antibióticos. **Conclusão:** Em suma, a transição no cenário de doenças respiratórias não resultou em alterações na abordagem terapêutica, mantendo o uso racional de antibióticos.

Palavras-chave: Antibacterianos; COVID-19; Farmacorresistência Bacteriana; SARS-CoV-2.

INTRODUÇÃO

A partir do final de 2019, um surto viral causado por uma nova variante do coronavírus, o SARS-CoV-2, na cidade de Wuhan, China, desencadeou uma crise sanitária de infecção que acomete principalmente o sistema respiratório, o que aumentou a incidência e a gravidade dos quadros de pneumonia (SOUZA, et al., 2021).

Nesse sentido, as organizações de saúde e a comunidade científica internacional alertaram previamente sobre o uso indevido de antibióticos e o risco que esse uso apresenta, sendo um deles a seleção de cepas de microrganismos resistentes aos medicamentos atuais (WHO, 2020).

Apesar do objetivo ser minimizar a mortalidade e desenvolvimento de complicações respiratórias, o uso excessivo desses medicamentos acarretou em um possível aumento da resistência bacteriana (KAMEL, et al., 2021).

Dentre os protocolos clínicos utilizados experimentalmente contra o SARS-CoV-2, destaca-se a administração de azitromicina, antimicrobiano de amplo espectro e classe dos macrolídeos, cujos mecanismos de ação estão relacionados a efeito bacteriostáticos e imunomodulação. Apesar de estudos in vitro se apresentarem promissores, os efeitos antivirais desse fármaco in vivo ainda se mostram controversos (OLIVER; HINKS, 2020).

Dessa forma, a utilização de antibióticos como medicamento profilático no tratamento de coronavírus tornou-se comum por parte da população. Juntamente, à alta incidência de infecções bacterianas secundárias ao SARS-CoV-2, serviram como importantes ferramentas para a maior incidência de resistência a agentes patogênicos, dificultando a eficácia do tratamento de doenças microbianas, principalmente a pneumonia (ALMEIDA; ARAÚJO; COSTA, 2022). Desse modo, o presente estudo buscou verificar a variação no uso de antibióticos (azitromicina, amoxicilina e ceftriaxona) durante e após o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) pela COVID-19.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, descritivo e de caráter retrospectivo que analisou o uso de antibacterianos utilizados em pacientes com quadro de doenças respiratórias no ambiente hospitalar do Hospital Evangélico Goiano (HEG). O estudo foi composto por 251 pacientes submetidos ao atendimento de pacientes que foram ao Pronto Socorro (PS) por síndrome respiratória no HEG de Anápolis, sendo 125 prontuários no período pandêmico de junho de 2020 a novembro

de 2020 e 126 prontuários no período após decreto do fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19 de abril de 2022 a setembro de 2022.

Os Critérios de inclusão foram: prontuários de pacientes com diagnóstico de síndromes respiratórias, que foram atendidos no HEG, nos períodos citados nos objetivos específicos e os critérios de exclusão foram: prontuários de pacientes que estão incompletos.

Foram coletados os dados dos prontuários eletrônicos dos pacientes atendidos por síndromes respiratórias, para a pesquisa no HEG, Anápolis-GO, após assinatura do termo de manuseio de dados, do termo de anuência e dispensa do termo de esclarecimento livre e esclarecido aprovado pelos órgãos responsáveis. As variáveis coletadas do prontuário foram: sexo, idade, hábitos de vida, comorbidades e padrão medicamentoso utilizado.

Por se tratar de um projeto de pesquisa que envolve seres humanos, todos os procedimentos de coleta de dados e contato com informações dos pacientes seguirão as recomendações da resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde e com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UniEVANGÉLICA, obtendo o número do parecer 7.069.912, antes de iniciar a coleta de dados.

O programa Excel foi utilizado para registro e tabulação dos dados coletados. A análise dos mesmos foi realizada através do programa do IBM SPSS Statistics® versão 22.

RESULTADOS.

Os dados evidenciam uma substituição da azitromicina, mais utilizada no período pandêmico, pela amoxicilina com clavulanato no período pós-pandemia, o que reflete a mudança nos protocolos terapêuticos o uso de antibióticos permaneceu restrito e consistente ao longo dos dois períodos. Nesse sentido, durante a pandemia, 94 dos 125 pacientes (75,2%) não receberam antibióticos. O antibiótico mais comumente prescrito nesse período foi a Azitromicina 500mg 24/24h por 5 dias, com 13 casos (10,40%). No período pós-ESPIN, 95 dos 126 pacientes (75,40%) também não receberam antibióticos. Nesse grupo, o antibiótico mais utilizado foi a amoxicilina + clavulanato 875/125mg, prescrito em 1 caso (9%).

PÓS-ESPIN	Nenhum	Amoxicilina	Azitromicina	Outros
Quantidade	95	11	1	18
Porcentagem	75%	9%	1%	15%

Tabela 1 - Resultados pré-ESPIN

PÓS-ESPIN	Nenhum	Amoxicilina	Azitromicina	Outros
Quantidade	95	11	1	18
Porcentagem	75%	9%	1%	15%

Tabela 2 - Resultados pós-ESPIN

CONCLUSÃO

Em suma, a transição no cenário de doenças respiratórias não resultou em alterações no tratamento antibacteriano, mantendo o uso racional desses medicamentos. O achado mais relevante do estudo é a substituição da azitromicina, presente em mais prescrições no período da ESPIN, por amoxicilina com clavulanato após o término do estado de emergência internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preventing the COVID-19 pandemic from causing an antibiotic resistance catastrophe. World Health Organization, Europa, v. 1, n. 1, p. 1-1, nov./2020.

ALMEIDA, Alessandro Lopes; ARAÚJO, Anna Clícia Lopes da Liva; COSTA, Gleyce Kellen Monteiro. Consequências do uso irracional de azitromicina durante a pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, 2022.

SOUZA, Alex Sandro Rolland. *et al.* Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, v. 21, p. 29-45, 2021.

KAMEL, Ahmed. *et al.* Efficacy and safety of azithromycin in COVID-19 patients: A systematic review and meta-analysis of randomized clinical trials. **Rev. Med Virol.**, v. 32, n. 1, p. e2258, 2022.

OLIVER, Madeleine; HINKS, Timothy. Azithromycin in viral infections. **Rev Med Virol.**, v. 31, n. 2, p. e2163, 2021.